

A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA PARA A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

THE LITERATURE'S CONTRIBUTION TO THE LEARNING OF PORTUGUESE LANGUAGE

Kesley Mariano da Silva¹

RESUMO: A presente pesquisa buscou verificar a contribuição da literatura e da leitura para o desenvolvimento da aprendizagem da língua portuguesa, por meio de uma formação crítico-reflexiva desde os anos iniciais de escolarização. Este processo de aprendizagem envolve o trabalho para o alcance das dez competências previstas pela BNCC (2017), considerando a ludicidade e o prazer pela experiência com a leitura literária. Por meio de uma revisão bibliográfica relacionada à literatura e ao processo de ensino e aprendizagem, este trabalho inicia-se com uma contextualização das políticas públicas nacionais (BNCC, 2017; PCN, 1998; LDB, 1996) e os fundamentos teóricos (SAUSSURE, 1994; BAKHTIN, 2016; CHOMSKY, 2009,) ligados à linguagem e o ato comunicativo até o desenvolvimento de habilidades cognitivas ligadas à percepção e desenvolvimento das competências de escutar, ler, compreender, interpretar e expressar-se criticamente (ABRAMOVICH, 1997; FREIRE, 2008; LIBÂNEO, 2001). O interesse (vontade de aprender) do aprendiz em muito influenciado pelo estímulo da família e da/o escola/professor são peças centrais, pois através deles que a criança terá o seu primeiro contato com as histórias e os livros.

Palavras chave: Literatura. Aprendizagem. Língua Portuguesa.

ABSTRACT: This research sought to verify the contribution of literature and reading to the development of learning, through a critical-reflexive training since the initial years of schooling. This learning process involves the work to achieve the ten competencies provided by the BNCC (2017), considering the ludicity and pleasure for contact with the literary text. Through a literature review and the teaching and learning process, this work begins with a contextualization of national public policies (BNCC, 2017; PCN, 1998; LDB, 1996) and the theoretical foundations (SAUSSURE, 1994; BAKHTIN, 2016; CHOMSKY, 2009,) linked to language and the communicative act until the development of cognitive skills related to the perception and development of the competencies of listening, reading, understanding, interpreting and expressing themselves critically (ABRAMOVICH, 1997; FREIRE, 2008; LIBÂNEO, 2001). The interest (willingness to learn) of the learner in much influenced by the encouragement of the family and the school/teacher are central parts, because through them the child will have his first contact with the stories and books.

Keywords: Literature. Learning. Portuguese language.

¹ Graduação em Letras: Português/Inglês (UEG/2007); Graduação em Direito (UniMB/2009); Especialização em Docência do Ensino Superior (FINOM/2012); Especialização em Língua Portuguesa e Literatura (Faculdade ESEA/2020); Mestrado em Educação (UNESA/2016); Doutorado em Educação (UDS/2020).

Data de Submissão: 15.Janeiro.2021

Data de Aprovação: 23.Março.2021

1 INTRODUÇÃO

O estudo pelo tema surgiu através do interesse de perceber como a leitura literária pode contribuir para a aprendizagem da língua portuguesa desde as fases iniciais da criança no ambiente escolar. A leitura e a escrita são grandes desafios da escola, principalmente no atual contexto de popularização e desenvolvimento das tecnologias digitais de comunicação e informação (TDICs). Apesar de existirem bastante materiais para dar suporte a esse trabalho contínuo com os alunos, as dificuldades em desenvolver essas duas habilidades ainda permanecem mesmo em alunos do Ensino Médio. Isso pode estar ligado às metodologias de ensino, à formação de docentes que lidam com o ensino da escrita e da leitura, o baixo ou ausente interesse dos alunos, a ausência de estímulo à leitura (em casa e/ou na escola), a indisponibilidade de textos/livros literários e a escassez dos materiais didático-escolares.

Para entender essas questões voltadas às dificuldades de se formar um aluno letrado, a pesquisa utilizará alguns autores para auxiliar na busca de preceitos teóricos e bases legais que fundamentem os pressupostos teóricos supramencionados.

Outro ponto a ser analisado na pesquisa está voltado a algo evidente, sem volta e bastante presente na vida das pessoas, desde o mais jovem ao mais velho, que são os aparelhos eletrônicos. A leitura, de modo geral, não está mais tão à frente do consumidor. A busca pelas tecnologias está em evidência, suscitando reflexões necessárias neste momento, principalmente no que se refere à educação, pois precisam ser encaradas como instrumentos/meios e não a própria aprendizagem.

O próprio processo de alfabetização está sofrendo os impactos dessa disseminação tecnológica, afinal, os alunos têm feito a substituição da escrita pela digitação. da leitura pelos vídeos e esquecem a real importância da percepção dos ambientes que os cercam. Cada vez mais se vê as pessoas envolvidas com ambientes virtuais, deixando de se relacionarem com as pessoas e focando mais nos dispositivos móveis e nas redes sociais.

Talvez os caminhos para essa situação seja pensar formas de relacionar a

literatura com as tecnologias e às necessidades da comunidade, tendo, em especial a criança como sujeito central, conforme afirma Freire (2008), os filhos têm os pais como seu maior exemplo, se explanado neles para a construção da vida social.

Este estudo, portanto, seguirá um percurso metodológico denominado pesquisa qualitativa, ou seja, trata-se da modalidade bibliográfica, através da qual, é possível analisar as ideias, pressupostos teóricos e investigações mais relevantes para a elaboração e constituição deste trabalho.

Pensar o ensino da Língua Portuguesa (enquanto língua materna) na Educação Básica implica, necessariamente, em refletir sobre o terreno contraditório entre o sistema capitalista e a forma como a Educação/Ensino se desdobra frente aos desafios da sociedade brasileira (FRIGOTTO E CIAVATTA, 2004).

Planejar o ensino de uma Língua a partir das literaturas que ela produz, portanto, implica pensar também nestas contradições. Ouve-se muito que a função da Educação Básica é o preparo do educando, como mão de obra, para o mercado de trabalho. Neste simples ponto, já se observa algum incômodo do ponto de vista da educação, ao melhor de uma educação freireana, libertadora. A Escola está preparando os alunos para o trabalho ao mesmo tempo em que o trabalho, o emprego, que vai esmaecendo pelos entremeios da sociedade tecnológica.

Ainda há que se considerar as pressões unificadoras que a indústria cultural exerce sobre a sociedade, propagando um discurso hegemônico neoliberal, recriando as pessoas, não como cidadãos, mas como meras consumidoras e, para tanto, precisam adequar-se em tudo aos padrões mercadológicos. Pode se dizer que a indústria cultural nivela e uniformiza, apagando assim as diferenças culturais.

Em todas as regiões brasileiras são adotadas praticamente da mesma maneira os livros literários para os vestibulares, para os concursos, para os exames admissionais, como ocorre em comparação com a América do Norte. Ao considerar que o Brasil passou por diferentes categorizações econômicas (de país subdesenvolvido para emergente e agora em desenvolvimento), percebe-se que há uma influência dos organismos parcos internacionais em definir as exigências em relação a educação de outros países.

Assim, o currículo de literatura e Língua Portuguesa sofrem constantemente mudanças a nível social e discursivo, exigindo dos profissionais que se adequem constantemente às novas exigências político-econômicas. Contudo, a literatura tem uma característica de resistência. Ela é, enquanto objeto artístico, denunciadora de

abusos e da opressão e permite aos leitores o rompimento de barreiras concernentes a assuntos genericamente impostos à sociedade. Assim, enquanto formações e informações, os professores necessitam assumir um posicionamento de mudança não apenas em discursos, mas, efetivamente em suas próprias ações pedagógicas.

Para Bakhtin (2016), a língua estabelece uma relação entre os sujeitos, uma vez que o enunciado demanda um enunciador e a figura do “outro” para uma interação dialógica. A própria língua, como elemento social, também é constituída coletivamente em um fluxo ativo de uso. A língua é o conjunto de leis combinatórias construídas socialmente para uma interpretação da realidade, o que a caracteriza como um contíguo múltiplo de práticas sociointeracionais, orais ou escritas, que se fazem continuamente por sujeitos historicamente situados. Neste sentido, ao pensar sobre a linguagem e, mais especificamente, sobre a língua, é possível perceber que a sua produção de sentido e seu atributo de estar viva, refere-se aos contextos de produção fundados nas relações sociais. Ela é um elemento constitutivo dessas múltiplas relações, nela se constitui continuamente. (FARACO, 2003)

Assim, ao utilizar da linguagem como instrumentalização social para o empoderamento por meio do uso da palavra, a literatura atua como ferramenta essencial para não apenas distrair as pessoas, mas para ensiná-las a pensar e utilizar a linguagem de modo mais significativo e eficaz. Por meio da literatura o leitor pode aprender com as experiências de outras pessoas (personagens), podendo ainda conduzir o leitor a um nível de compreensão que demandaria anos de vivências, experimentação, análises e/ou estudos.

Neste sentido, a literatura é uma prática linguística muito eficiente para a tarefa de ensinar língua desde a fase da alfabetização, com a decodificação dos símbolos gráficos, até aos mais elaborados processos de leitura, interpretação e escrita.

2 ANÁLISES E OBSERVAÇÕES: A LITERATURA COMO INSTRUMENTO PARA AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA

É importante que a escola, enquanto espaço privilegiado para a formação integral do sujeito (emocional, física, cognitiva, social e culturalmente), promova ações de fomento à leitura e sirva-se desta prática para a formação de valores ligados à reflexão e ao pensamento crítico.

Neste sentido, este trabalho fundamenta-se sobre os estudos textuais de

gênero, sob as perspectivas interacionista e sociodiscursiva de caráter psicolinguístico e aplicação didática vinculada à língua materna (MARCUSCHI, 2008), preconizado por autores como Bronckart, Dolz, Schneuwly, com vinculação psicológica nas influências de Bakhtin e Vygotsky, com dedicação principal ao ensino da língua materna a partir dos gêneros discursivos ligados aos desenvolvimentos das habilidades orais e escritas. Em resumo, e conforme Marcuschi (2008, p. 153) esta pesquisa possui “caráter psicolinguístico ligado ao sociointeracionismo.”

Atividades como a visita frequente à biblioteca para leituras, debates, seminários, apresentações, rodas de leitores, empréstimos de livros, dramatizações e declamação de poemas são desejáveis e incentivadoras da aprendizagem.

Antes de conceituar ou compreender a importância da literatura para o contexto educacional, é necessário destacar o seu significado e sua relação com o trabalho pedagógico pretendido pela Escola em que se pretende realizar tais ações. O trabalho com as diversas formas de literatura busca a transformação dos princípios político-filosóficos em ação metodológica considerando as dimensões propostas por BETINI (2005), quais sejam: dimensão estrutural e conjuntural, dimensão ética e valorativa, historicidade da instituição ou realidade interna e o processo de conhecimento.

Considerando toda essa complexidade ambiente, o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola precisará apresentar uma reflexão sobre o ato de educar, sobre como organizar o trabalho pedagógico e o processo de desenvolvimento humano articulados de forma integral conforme os tempos, espaços e vivências do aprendiz. A literatura, enquanto uma expressão da arte, tem por objetivo, neste ambiente, recontar a percepção da realidade a partir de um ponto de vista definido pelo escritor (o artista), fluindo de seus sentimentos, sua visão e as técnicas narrativas de que dispõe.

Isso se alinha às dez “competências gerais” normatizadas pela BNCC (2017, p. 9-10), uma vez que as diversas atividades precisam ligarem-se aos processos de formação crítico-reflexiva e aplicarem-se ao aluno enquanto projeto de vida, promovendo o sentimento de pertencimento, com o estabelecimento de relações com suas experiências cotidianas.

Desta forma, a literatura, enquanto arte, se diferencia das demais manifestações por meio da matéria-prima: a palavra. Este objeto da linguagem permite a transformação da linguagem utilizada em diferentes meios expressão.

Ainda nessa perspectiva, vale levantar alguns questionamentos acerca, então,

de como ler, o que ler e como considerar um texto uma obra verdadeiramente literária? Ou seja, o que é ler? Compreende-se que a leitura seria uma forma agir diante de um texto.

A sucessão contínua desta ação de ler torna-se o que chamados de hábito de leitura. De acordo com o dicionário Aurélio, a palavra “leitura” vem do Latim “*lectura*”, cujo sentido original é a escolha, a leitura ou a eleição de algo (FERREIRA, 2010). É possível designar a leitura como um construto (obra) ou texto que se pode ler. Por meio da leitura pode-se, com base em um conjunto de informações, construir uma interpretação da realidade em um determinado contexto. Isso torna o ato interpretativo algo extremamente pessoal.

A literatura é um instrumento importante para incentivar a formação do hábito de leitura, desde cedo, quando a criança está descobrindo o mundo que a cerca e se desenvolve com a formação de valores e princípios. A literatura, nesse sentido, abre caminhos para a aprendizagem, para o descobrimento do mundo e desenvolvem sentimentos, emoções de forma prazerosa. Conforme o desenvolvendo dos pequenos, estes começam perceber que a leitura e a escrita estão intrinsecamente ligadas e que quanto mais se lê melhor se torna a prática da escrita.

Para Meirelles (2010), o espaço escolar é o ambiente que pode garantir o contato mais constante, intenso e avolumado aos livros. Assim, desde a educação infantil, garantir aos pequenos educandos o contato com obras literárias de diversos gêneros, e essa é uma função do professor, a fim de desenvolver práticas de leitura (comportamentos) ligadas ao gosto pela literatura. Sob a perspectiva da primeira fase do Ensino Fundamental, compreende-se ser importante que os alunos desenvolvam a autonomia e continuem seu percurso para se tornarem leitores. Duas sugestões nesta fase é a troca de livros e o compartilhamento do que se lê.

Já na segunda fase do Ensino Fundamental, “ler sobre os livros é tão importante quanto ler os livros”, pois será importante compreender as diferentes características dos gêneros e os recursos linguísticos utilizados pelos autores. No ensino médio, é necessário que a literatura dialogue com as vivências dos alunos, assim, é preciso que o aprendiz já tenha vivido um letramento literário, sendo capaz de projetar-se para dentro das histórias e transpor as narrativas às suas vivências (MEIRELLES, 2010, p. 52). Sobretudo, o momento presente é sempre o melhor momento ler e para aprender a gostar de ler. Não só as crianças ou os jovens precisam desenvolver práticas leitoras. Muitos professores não tiveram a

oportunidade de construir uma história de leitores de literatura. Isto é, há sempre tempo para começar e, ao criar o hábito de leitura, o docente poderá inspirar seus alunos.

Os atos de ler e ouvir uma história são tão prazerosos que despertam o interesse das pessoas em toda e qualquer idade. O que deve sempre se preocupar, especialmente nos anos iniciais, que é onde tudo se inicia, é com a forma de contar essas histórias de forma lúdica, em que o ouvinte se sinta como personagem dela e queira ir até o final do livro para saber o que aconteceu (MARTINS, 1994).

Um dos primeiros contatos que a criança tem é no ambiente familiar, quando os familiares contam a história de sua vida, seu nascimento, seu primeiro dente, fatos ocorridos até o momento presente. Com o passar do tempo, começa-se, então, a querer contar sua própria história ou escolher a parte que quer ouvir.

Outro contato que a criança tem, já nos anos iniciais, é com os livros literários de fábulas, de contos, os poemas e se relaciona com as elaborações do imaginário e o transpõe em uma relação análoga com a realidade. Não existe uma idade certa para se apresentar um livro para a criança, mas quanto mais cedo melhor. É importante que a criança possa manipulá-lo, folheá-lo, toca-lo e até inventar uma história de acordo com as ilustrações.

Quanto ao papel do educador, nesse processo, não se trata apenas de ensinar a ler, mas de criar situações para que o educando realize sua própria aprendizagem. Criar condições de leitura que dialoguem sobre a importância dela para o desenvolvimento do leitor (LIBÂNEO, 2001)

Professores que oferecem doses diárias de leitura de forma agradável, possivelmente desenvolverão em seus alunos uma praxe que poderá os acompanhar durante a vida. A iniciação desse processo é a base para que o educando passe a gostar de ler.

O educador também deve ter aulas planejadas e oferecer variados gêneros da literatura narrativa como contos, fábulas e poemas, observando também os livros de acordo com a faixa etária da criança.

Atualmente a tecnologia ganhou um espaço muito importante na vida das pessoas que, desde muito cedo, se distanciam dos livros impressos, considerando-os coisas do passado, até mesmo ultrapassados. Cabe ao professor também, intervir nesse processo, levando o aluno a sentir o prazer em ler, a magia que o livro proporciona.

Juntamente com a leitura está a escrita que é o próximo passo a ser desenvolvido após o ato de ler. Para Ferreira (2010), a escrita envolve a utilização de sinais gráficos para a expressão das ideias humanas. É possível, portanto, considerar que a grafia – a forma como se escreve e estabelecem os códigos linguísticos – é uma forma tecnologia que serve para comunicar. Ela foi historicamente criada e tem se desenvolvido com a sociedade humana, tendo como uma marca indiscutível a finalidade de registrar por meio de símbolos expressos sobre um suporte. Assim, o ato de ler não se restringe à decodificação dos elementos gráficos e simbólicos, mas ela se amplia na medida da inteligência do mundo (FREIRE, 2008).

Essencialmente, a fala é representada pela, porém cabe ao professor mostrar como ela se organiza, bem como ela representa as diferentes formas de falar. Dessa forma, pode-se dizer que a escrita é uma forma de representação em segundo nível, uma vez que os sons da fala são a primeira forma de apresentação do domínio de uma língua.

3 A LITERATURA E A APRENDIZAGEM

O acesso e o contato dos estudantes, especialmente as crianças, com os livros e as histórias é muito importante. Elas têm a possibilidade de descobrirem a escrita sozinhas, por meio da observação do mundo à sua volta. Assim, através das diversas leituras de mundo sob as várias manifestações da linguagem, o aprendiz consegue tecer relações de sentido entre as histórias e sua vida prática, permitindo a compreensão do que se estuda. Há uma indicação de que é possível compreender o mundo imaginário e transportar isso de forma prática para o mundo real.

A criança aprende com as atividades cotidianas de sua vida, portanto, ao chegar à escola, ela carece que estas diversas experiências anteriores possam ser mediadas e orientadas para auxiliar na aprendizagem de conhecimentos mais formais e canônicos, permitindo-a ter domínio sobre os dados culturais básicos da comunidade em que vive.

Ao passo que a criança inicia seu processo de aprendizagem da leitura e da escrita surgem diante dela um universo com muitas novidades. São textos, frases, palavras e letras com as quais ela interage com mais facilidade se tiver a oportunidade de participar ativamente dele. E se essa oportunidade for se transformando num grande ato lúdico, participativo, prazeroso, com brincadeiras e usos da linguagem do

cotidiano, o aprendizado será menos cansativo e mais agradável.

Para Martins (1994, p. 82) a literatura vai além do texto ou da história, ela completa vazios pessoais internos para uma formação integral do sujeito: "... para compreendê-la [a literatura] e para a leitura se efetivar, deve preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir ao encontro de uma necessidade, de um desejo de expansão sensocial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais".

O desejo e gosto por algo só é possível a partir da experimentação, e do contato. Assim, é com a leitura de um livro e, conseqüentemente, por tomar gosto pelo ato de ler. Ou seja, para que o interesse pela leitura surja, é preciso um primeiro contato, seja ouvindo, seja observando outros lerem, seja ela mesma folheando e contando ou recontando (novas) histórias a partir das gravuras e ilustrações. Neste processo, o adulto é sempre o primeiro mediador entre a criança e a literatura/leitura.

Na primeira infância a criança precisa ser estimulada a sentir-se motivada e interessada nos conteúdos dos livros. Essa curiosidade leva-a a imaginar as infinitas histórias que se passam nas páginas do livro lido para ela com histórias tão fantásticas. Há ali um despertar para as diferentes linguagens, inclusive a verbal. Uma mistura de cores e imagens com a fala e as palavras escritas.

Desde cedo, estimular a leitura é considerado uma ação eficiente, uma vez que conduz as crianças a moverem-se na direção da literatura e da leitura, na verdade, em sentido lato, o estímulo conduz o ser humano ao contato com o mundo em que vive. O que será preciso à criança estimulada será a prática contínua, e um bom exemplo em casa e na escola tendem a contribuir significativamente com a formação de leitores mais assíduos.

A nova habilidade de ler produz a quem a desenvolve um prazer satisfatório. Caso esse sentimento seja ainda acrescido pelo interesse (vontade) da criança, a noção de desafio pode ser considerada pelo aprendiz. Quanto mais a criança lê, mais ela poderá aprender sobre expressar seus pensamentos sentimentos e opiniões por meio das diversas linguagens.

Apesar de muitas vezes ser fantástica e lúdica, a literatura infantil trabalha na formulação de conceitos internos a partir de objetivos e conhecimentos próprios das crianças.

A criança se fantasia e se compara aos personagens dos contos, colocando-se diante de dificuldades e soluções que podem lhe indicar possibilidades de descobrir o mundo. O aspecto lúdico é a essência da literatura infantil, ou seja, relativa aos sonhos,

à imaginação, à magia, a um mundo fantástico. A ludicidade é pavimento sobre o qual a literatura infantil se estabelece, ou seja, é ali que reside a liberdade da imaginação, dos sonhos, dos universos mágicos, em que a criança é capaz de projetar-se para um mundo fantástico (ABRAMOVICH, 1997).

Nesse sentido, o planejar se mostra uma necessidade prismática. Considerando seus aspectos de continuidade, interatividade e coletividade. Vale ressaltar que o planejamento não é um castigo ou mera atividade burocrática, mas a construção de um instrumento facilitador do trabalho pedagógico, uma vez que aperfeiçoa, direciona e fundamenta a atividade do professor. O plano de aula também permite que o professor avalie seus alunos e, por conseguinte, a si mesmo. (LIBÂNEO, 1994)

Muitos são os estudos voltados para o processo escolar de ensinar e aprender. Questões como a evasão escolar, as reprovações e suas causas, distúrbios e/ou transtornos de aprendizagem dos alunos quanto ao uso da língua escrita, a leitura, produção de diversos textos orais e escritos, a interpretação, a gramática, o uso e seleção do livro didático, língua em norma culta/padrão, as múltiplas variedades linguísticas, a relação professor-aluno e a afetividade, os programas/diretrizes de ensino, as metodologias de ensino, a formação docente, as concepções de língua/linguagem, entre tantos outros.

Por esta perspectiva há 3 perspectivas de como a linguagem vem construindo a história das línguas e dos estudos linguísticos. A primeira dessas concepções é a de que “a linguagem é a expressão do pensamento”.

Segundo ela postula, o pensar e o expressar estão estritamente ligados, sendo esta a explicação do porquê muitas pessoas não conseguem manifestar o que desejam. Ao considerar o que compreende Wittgenstein, é possível inferir, de fato, que os domínios da linguagem de alguém representam os limites do mundo que esta pessoa conhece. Pensar de forma lógica é considerado um requisito fundamental o desenvolvimento da escrita, uma vez que linguagem interpreta as diversas expressões construídas no profundo da mente, tornando-se uma lente refletiva do pensamento. Assim, o chamado fenômeno linguístico é compreendido como uma ação racionalizada, algo individual e particularmente vinculado às formas como lê e observa as ações do mundo.

Por outro lado, entende-se que a linguagem é um aparato comunicativo, cuja concepção se vincula à Teoria da Comunicação ao predizer que a língua é

sistematizadamente organizada em signos que servem para que os indivíduos se comuniquem. Em outras palavras, a língua é um conjunto de leis combinatórias em forma de código, definido coletivamente permitindo uma relação comunicativa entre o emissor e o receptor de forma dialógica. (BAKHTIN, 2016)

A comunicação, desta forma, só é estabelecida por meio da relação entre o emissor e receptor, por conhecerem e dominarem um mesmo código linguístico, sobre o qual estabeleceram o ato comunicativo. O sistema linguístico, portanto, não depende dos atos de criação, intenção ou desígnio individual.

Ao que se refere à terceira concepção, a interação entre os seres humano é feita por meio da linguagem e, neste sentido, o uso da língua e sua expressão não é limitada apenas a uma decodificação ou tradução do pensamento, mas ela realiza ações internas e promove transformações sobre os interlocutores.

Segundo Rego (1995), o desenvolvimento da linguagem é impulsionado pela necessidade de comunicação e desde os primeiros dias de vida de um bebê é possível perceber a necessidade de estabelecer contato (neste caso, em especial com a mãe) daí o choro, por exemplo, considerado por Vygotsky como parte do estágio pré-linguístico do desenvolvimento.

Como apresentado até o dado momento, a leitura melhora a fala, a linguagem, de modo geral, e conseqüentemente a escrita. Uma das melhores formas de incentivo à leitura é a literatura. Pois desde cedo de forma lúdica a criança começa ter contato com os livros literários e desenvolvem de forma prazerosa o gosto pela leitura.

Ao compreender que a escola é uma instituição com permanente ação de serviço à sociedade, ela exige de seus cidadãos algumas compêntencias, entre elas, a prática da leitura e escrita. Desse modo, a leitura passa a ser um poderoso e essencial instrumento para o crescimento do homem nessa sociedade.

De acordo com os Pârametros Curriculares Nacionais (1997, Língua Portuguesa), a escola e o professor devem formar alunos crítico-reflexivos com hábitos de leitura, o que significa disponibilizar aos alunos contato com o maior número de gêneros textuais disponíveis. A Literatura Infantil, neste contexto, é um instrumento que possivelmente contribuirá com essa tarefa.

Já na BNCC no item 3.1 que trata do Eixo Campos de Experiência, há uma descrição de como, desde pequenas, as crianças podem ser estimuladas a desenvolver suas potencialidades por meio da “escuta, fala, pensamento e imaginação” promovidos pela literatura, por meio da curiosidade e da ludicidade

presentes no texto literário.

Coelho (2000) afirma que a literatura é arte e, portanto, uma ação criativa que, através da palavra, constrói um universo livre, realista ou fantástico, em que os seres, os fatos, as coisas, o tempo e espaço, ali se transformam por meio da linguagem, e passam a assumir um novo âmbito, o do universo da ficção.

É fundamental que cada criança tome gosto por ler, pois esta pode ser considerada uma grandeza essencial na vida dos seres humanos, tendo em vista que ao ler exercita-se a mente e amplia-se a inteligência. Diante do mundo globalizado a mídia possui uma forte e importante influência sobre os pais e os professores, pois estes precisam despertar o desejo de ler nas crianças (COELHO, 2000; COLOMER, 2003).

Ao buscar a literatura como apoio pedagógico, é possível alcançar um conjunto de movimentos criativos cujos significados podem promover que o exercício da leitura produza reação, interação e construção da subjetividade e conhecimento (ZILBERMAN, 2003).

Assim, a partir destas e outras várias observações relativas à leitura e a escrita, é importante evidenciar o quanto estas práticas contribuem para o desenvolvimento dos aprendizes. Por meio da leitura, não apenas de textos escritos, mas também dos diversos contextos sociais em volta dos estudantes, é possível ver a formação de um pensamento crítico, observador e pautado em orientações direcionadas e praticadas na escola. A aprendizagem das línguas e linguagens para a vida não se concretiza apenas na escola. Contudo, neste ambiente é que se pretende estimular e preparar os sujeitos para serem cada vez mais autônomos na forma de ler, pensar e escrever sobre o mundo que lhes cerca.

Com vistas à promoção e à construção de um conhecimento significativo e, por isso, transformador, conhecer as próprias formas de comunicar-se é crucial. O mundo e os contextos não mudam sozinhos, eles se transformam conforme as ações das pessoas que nele habitam e agem. Assim, a leitura e a escrita instrumentalizam os sujeitos a agirem e a pensarem em como agir para que alcancem objetivos planejados e não acidentais. As consequências dessas ações podem auxiliar na formação de sujeitos mais equilibrados e conscientes de seus papéis, favorecendo a formação de uma sociedade mais equilibrada e justa.

4. A LITERATURA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Dentre as diversas abordagens de ensino de literatura que despontaram no sentido de criar uma reflexão teórica quanto ao uso da literatura nas dimensões comunicativas, linguísticas, cultural e estética para o ensino e para a aprendizagem da língua portuguesa. Parafraseando Rubem Alves, um brinquedo que é feito de letras, é chamado de livro.

Os Livros Didáticos, ainda que recebam duras críticas e sejam, por vezes, limitados em conteúdo literário aprofundado, precisam ser considerados no ensino da língua portuguesa por meio da literatura, uma vez que, em algumas regiões, são a única fonte de leitura e literatura aos alunos. Ainda que alguns textos sejam apresentados de forma fragmentada, outros como crônicas, poesias, contos, fábulas, parábolas, anedotas, tirinhas, entre outras são expostos de forma integral.

A literatura, dentro dos livros didáticos, é conhecida como um texto autêntico para auxiliar na aprendizagem de línguas. Sua inserção nesses materiais livros se dá em forma de fragmentos ou na íntegra, desde que os textos sejam de gênero curto. Quanto ao aproveitamento destes textos literários, conforme Gonçalves (2019, p. 202), “prevalece uma abordagem visando o trabalho sobre o componente linguístico: gramática, léxico e pronúncia. Além disso, há um predomínio de propostas de atividades voltadas para a prática das habilidades, especialmente, a compreensão escrita.”

Conforme Lima (2019), a leitura de textos literários promove, dentre outros benefícios, o desenvolvimento da linguagem, os fundamentos de um pensamento lógico – devido à ludicidade da causa e consequência presente na maioria das histórias –, o estímulo à imaginação, a formação de um futuro leitor, além de favorecer a disciplina e a atenção.

Assim, a literatura não se liga à língua ou aos aspectos culturais de forma isolada e dissociada, por isso, não se trata de “impor o intercultural como método e uma abordagem puramente estética da literatura”, mas esclarecer que a exploração dessas dimensões são necessárias e possíveis a partir de um prolongamento teórico-metodológico natural no ensino da Língua Portuguesa (GONÇALVES, 2019).

O papel docente não está apenas em informar, conduzir ou mediar leituras para depois realizar “testes” e avaliações, tampouco deixar que os alunos leiam apenas por ler, sem que reflitam, pensem e entendem os textos. A atividade do professor inclui,

desde sua formação inicial, a necessidade de que saiba/experimente empiricamente o que é ser um leitor e um escritor. Nas palavras de Benjamin,

A narrativa, a leitura e a escrita se configuram como três dimensões da prática pedagógica, caracterizando-a de tal forma que parece que seria impossível ser professor sem ser leitor ou escritor, ser professor sem ter na leitura e na escrita verdadeira experiência. (BENJAMIN, 2010, p. 182)

Cabe salientar que a prática dos docentes não pode ser limitada apenas pelos enunciados e pelas propostas de atividades com pouca, ou nenhuma, modificação no roteiro. Faz-se necessário ir além, uma vez que deve ser pretensão dos professores desenvolver habilidades e competências que estão, muitas vezes, além da simples leitura como instrumento repetitivo e reprodutor/transmissor de conhecimentos.

Para os docentes espera-se que a literatura também seja vista como um texto para se trabalhar a língua, funcionando como um texto informativo revestido do status de literário. Desse modo, é desejoso que os docentes reforcem a dicotomia língua e literatura em sala de aula, contudo, esta associação é frágil e merece um olhar mais apurado. A literatura e a língua mantêm-se ligadas por meio do conjunto de aportes culturais que se entrecruzam nas manifestações da arte e do pensamento de um povo.

Ainda assim, para Gonçalves (2019, p. 208), “podemos dizer que a questão intercultural, em termos de procedimentos pedagógicos e gatilhos interculturais, emerge dos materiais e dos textos literários; porém, só se concretiza se o professor estiver preparado para isso.” Não basta ao professor um conhecimento acerca dos processos de ensino e aprendizagem da leitura ou da língua, será necessário entrecruzar tais relações por meio dos aportes culturais relativos à comunidade em que está inserido, tornando tal “conteúdo” relevante para quem estuda/aprende.

Assim, não apenas o acesso aos recursos tecnológicos, aos livros didáticos ou aos livros literários fará com que os alunos aprendam e desenvolvam aprendizagens em língua portuguesa. Será necessário que o professor forme-se e informe-se num processo contínuo e gradual, tendo em vista que suas práticas didático-pedagógico-metodológicas influenciarão imediatamente na forma como o aluno se envolve como texto literário, com a língua e como o mundo à sua volta, tendo em vista, a formação crítico-reflexiva para as habilidades e competências que a escola pretende promover.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O assunto abordado neste trabalho se mostra relevante porque traz à baila questões que as escolas de todo país vivenciam através de ações pedagógicas guiadas por meio de seus projetos e práticas educativas. Tais atitudes escolares unem os alunos, seus pais e professores em torno da literatura e o desenvolvimento da leitura, escrita e, em sentido amplo, da aprendizagem.

Nunca se duvidou da capacidade da mente humana em captar, assimilar e aprender em um curto espaço de tempo e de forma gradativa, porém é necessário que os educadores tenham certo cuidado na adaptação de materiais. É importante frisar que a criança se atrai por cores, pelo toque, sons e texturas.

Assim, trazer o lúdico para trabalhos pedagógicos é uma necessidade para o desenvolvimento da aprendizagem. Uma vez que a pesquisa trata da desenvoltura da criança com a leitura e a escrita, nada mais essencial que trabalhar músicas, figuras ilustrativas, fantoches, entre outros elementos que irão instigar o interesse e despertar a curiosidade pelo assunto trabalhado. O sucesso do pedagogo não está vinculado apenas em si, e sim nos recursos utilizados por ele para a execução de seu trabalho.

Outro aspecto relevante é aquilo que se pode construir a partir da relação e do trabalho entre o professor e o aluno. Aquele assume uma postura de pesquisador atuante, tendo como missão propiciar os meios para que o aluno vá ao encontro da aprendizagem.

A escola é o espaço onde a criança irá ter o contato com seus primeiros passos na construção crítica de seu pensamento. Neste sentido, do aprendiz espera-se que desenvolva as capacidades de ler e escrever para se tornar autor da própria aprendizagem, sendo capaz de compreender o que lê e escreve.

São necessárias certas mudanças educacionais e governamentais no que se refere à formação de profissionais da educação para atuar dentro de sala de aula. É necessário preparo, domínio, objetividade e comprometimento para com seus alunos. É preciso valorizar esse profissional para que possa orientar aclearadamente os aprendizes a ponto de se tornarem indivíduos reflexivos e autônomos em tomar suas decisões frente às realidades que enfrentam.

Dessa forma, é essencial pensar uma educação que rompa os aspectos técnicos e burocráticos e, acima de tudo, moral, seja pautada na formação de

cidadãos críticos, conscientes, participativos e responsáveis e que exercitem a alteridade. Acreditamos em uma escola que emancipa e ensina as pessoas a si emanciparem, com uma visão libertadora, responsável, pela oferta de uma educação de qualidade, promovendo letramentos profundos e significativos à comunidade à qual está inserida.

A literatura, enquanto expressão da cultura e relacionada à utilização da linguagem, constitui importante instrumento para o ensino não apenas da língua portuguesa, mas para o alcance de habilidades e competências fundamentais na formação integral do sujeito.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fani. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: 34, 2016.

BENJAMIN, Walter. Professores podem ser Scherazade? O papel da memória, da narrativa, da leitura e da escrita na formação de professores. In: KRAMER, Sonia. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso**. São Paulo: Ática, 2010. p. 151-188.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria Análise Didática**. São Paulo Moderna, 2000.

COLOMER, T. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. 49. ed. São Paulo, Cortez, 2008.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. **A formação do “cidadão produtivo”**: da política de expansão do ensino médio técnico nos anos 80 à fragmentação da educação profissional nos anos 90: entre discursos e imagens (2001-2004). Rio de Janeiro: UFF, 2004. Relatório de pesquisa.

GONÇALVES, Frank da Silva. **O uso da literatura no ensino de português língua estrangeira numa abordagem intercultural**. Tese (Doutorado) – Centro de Federal

de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Belo Horizonte, 2019.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais para a profissão docente**. São Paulo: Ática, 2001.

_____. **Didática**. São Paulo. Cortez, 1994.

LIMA, Janaina. Entre fraldas e livros. **Conhecimento Prático** - Língua Portuguesa e Literatura, ano 8, edição 74, dez/jan. 2019, Editora Escala.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Braziliense, 1994.

MEIRELLES, Elisa. Literatura muito prazer. **Nova Escola**, ano XXV, n. 234, ago., 2010. Editora Abril. p. 48-58.

SILVA, Ezequiel Theodoro Da. A produção da leitura na escola: Pesquisas x Propostas. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

SUASSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo, Cultrix, 1994.

VYGOTSKY, Liv S. in. REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: **Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.